





UNEB ANANSI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA,
SALVADOR, ISSN: 2675-8385

In memoriam

**“O fundamento é a roça”
Antônio Bispo dos Santos
(1959-2023)**

Wanderson Flor do Nascimento

Professor da Universidade de Brasília.

Luiz Rufino

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Provavelmente o mais intenso pensador que o Brasil conheceu nos últimos tempos, Antônio Bispo dos Santos, nascido em 10 de dezembro de 1959 e ancestralizado no dia 03 de dezembro de 2023, lega uma marca profunda no pensamento e nas relações entre o que se pensa e o que se faz, a partir das heranças que recebeu de sua história nos quilombos e nas lutas sociais.

Dançante do pensamento, mandingueiro das palavras, lavrador de ideias, tradutor do pensamento ancestral, filósofo telúrico, vadiante das estratégias, poeta do semiárido, Nêgo Bispo, como era conhecido, mobilizou em torno de si não apenas uma série de ideias, mas também de afetos e vontades de fazer de uma infinidade-revoada de pessoas que tiveram contato com ele.

Quilombola nascido no Povoado Papagaio, no Vale do Rio Berlengas, atual município

de Francinópolis, no Piauí, Bispo foi ativista do movimento sindical e do movimento quilombola, alçando-se como um dos mais potentes defensores dos direitos dos povos tradicionais e críticos das armadilhas coloniais que nos cercam no presente.

Ainda que tenha cursado somente o antigo Primeiro Grau, concluindo a oitava série do “Primário”, se entendemos que o filósofo é a pessoa que busca entender a realidade forjando conceitos, criticando sentidos, problematizando valores, pensando alternativas para o que se pensa e o que se vive, fundamentando tudo isso, Bispo não apenas foi (e segue sendo) um filósofo, como é um dos bons, dos melhores que já conhecemos. Esse fenômeno nos mostra que a educação formal é apenas uma das possibilidades para a preparação dessas pessoas que estejam comprometidas com a reflexão filosófica sobre nosso tempo.

Na Universidade, foi professor no projeto Encontro de Saberes, lecionando na Pós-Graduação para cursos da Universidade de Brasília e da Universidade Federal de Minas Gerais, embora tenha palestrado em muitas universidades brasileiras, discutindo as ideias que se popularizaram a partir da publicação do livro de 2007 *Quilombos, modos e significados*, que foi revisto e republicado em 2015 e 2019 como *Colonização, quilombos: Modos e significações*. Publicou ainda, em 2022, o livro *Quatro Cantos*, inaugurando o selo editorial *Roça de Quilombo*, e, em 2023, o livro *A terra dar, a terra quer* além de diversos artigos e capítulos de livros em coletâneas no Brasil.

Bispo foi criança cuidada para zelar a sabedoria da comunidade, nos caminhos que trilhou teve a condução das pessoas mais velhas e teve a orientação daquelas e daqueles a quem ele chamava de mestres: suas mães e tios, referências das comunidades em que viveu, que acumularam os saberes práticos e teóricos dos ofícios, aprenderam a pensar e falar com a boca do mundo, percorrendo as encruzilhadas dos tempos que, como Bispo insistia, faziam de nós enredados em *começo, meio e começo*.

Praticante das cismas, estudante atento do gingar do tempo, inventor de fraseados, batedor de perna e papo, Bispo faz capoeiragem com o pensamento, esquivando-se dos discursos aquebrantados para saltar nos vazios e roçar palavras germinantes. Sobre ser

mestre ele dizia: o mestre não é aquele que sabe de tudo, mas conhece um pouco de cada coisa sem mesmo dominá-la em seu todo. Conhecendo de tudo um pouco tece intimidade ao ponto de aprender e ensinar.

Formado em saberes do semiárido e alimentado por aquelas sabenças dos povos que ele denominou de “Afropindorâmicos”, evocava as vozes negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras, geraiseiras, faveladas entoadas e entrançadas pela desconfiança de que tudo aquilo que separa, hierarquiza, quebra os vínculos que temos com o mundo a que pertencemos nos enfraquece e desencanta o próprio mundo e nossa relação com ele.

Longe de afirmar uma sabedoria fechada, Bispo defendia um aprendizado movido por perguntas que hora nos acomodam e hora nos movem. Mas sempre perguntas, muito mais que as respostas. Apostando em uma ensinância que mantém o conhecimento vivo, que o amplia, afirmava que “quando você compartilha o saber, ele cresce”.

Tomando a roça de quilombo como horizonte educativo, Bispo nos diz sobre tomar lição com os ciclos das águas, com o trânsito das estações, com as relações trançadas na diferença que muitas vezes faz com que *nem tudo que se ajunte, se misture ou aquilo que se misture, se ajunte*. Nesse chão brotam saberes que fazem da cascavel professora, o mandacaru mestre e o facão artífice das invenções cotidianas. Nêgo

Bispo nos lembra que na roça tudo se aprende, mesmo que nada se ensine.

Assumindo essa partilha que faz crescer o saber, Bispo nos trouxe, reverberando sua profunda intimidade com a sabedoria ancestral, um conjunto potente de ferramentas conceituais capazes de nos fortalecer para a luta contra as persistências do colonialismo que nos ronda. De saída, ele foi buscar os saberes contra-coloniais, aqueles que não foram colonizados e combatem a colonização, os que resistiram aos modos de ser que buscavam subjugar a vida de outras pessoas. Sabia que nomear era um gesto de poder.

Contra-colonização em suas palavras mandingueiras é uma maneira de contrariar a lógica que se quer única. Bispo, avança no jogo miúdo com a pisada firme. A contra-colonização são também os modos e significações dos grupos que não se aquebrantaram com a promessa do milagre civilizatório. Por isso, segundo ele, contra-colonizar implica uma sabedoria tática de saber atar e desatar feitiço. Se por um lado a colonização emerge como assombro propagador da mentira e da escassez, driblá-la implica escavar a poética daqueles que sabem ir aos campos de batalha e defender a vida.

E, por isso, enfrentava a branquitude colonial dando nomes aos processos que muitas vezes invisibilizamos, mas que, nem por isso, deixaram de nos danar andanças pela vida. Nesse nomear, deixou à

descoberta a distinção entre os saberes que viviam de enfraquecer as resistências, de fazer se perder dos caminhos da vida, de tentar pôr a perder quem não se deixava seduzir pelas estratégias colonialistas, *os saberes sintéticos*, daqueles saberes que, herdados de uma ancestralidade alimentada, de um mergulho na memória coletiva, comunitária, que soube inventar criativamente num mundo que tentou nos empobrecer, *os saberes orgânicos*.

Dentre esses saberes orgânicos, fiéis à vadiagem, às festividades e aos bons encontros, Bispo nos apresentou as ideias de *confluência* e *transfluência*, potencializadoras de alianças, de construções expansivas que resistiam, resistem, contornavam e contornam a essa profunda aversão à natureza que ele denominou de *cosmofobia*.

Esse terror ao cosmo, à natureza, à Terra, provém de uma interpretação da realidade como fundada sobre um princípio único, estático, punitivo, desterritorializador, desencantante. Essa interpretação fundou aquilo que Bispo chamou de *matriz eurocristã-monoteísta*. Mais que uma crítica à religião vinda dos mundos colonialistas, é uma avaliação de um modo de viver e intervir na realidade empobrecendo as potências de existir em torno de um projeto de dominação, atravessado pela fixação no acúmulo. Acumular da terra, a terra, a empobrece e nos empobrece junto, paradoxalmente. Em contraposição a isso, a ideia de compartilhar no/do mundo, sem sermos conduzidos pelo medo da falta.

A confluência, contra o acúmulo, pressupõe que o mundo está em movimento, em fluxo. Fluir seria o movimento fundamental da existência, que, quando bem manejado, promove essas alianças confluentes. Os colonialistas, na interpretação de Bispo, têm pavor desse movimento, de não poder dominar o que se desloca, o que gira, o que fui.

Os colonialistas são ruins de jogo, ausentes de ginga. Obcecados por um único registro do mundo eles perderam a capacidade de falar, não fiam conversa com os praticantes da diversidade, não confluenciam, porque são monológicos. A crítica exposta por Bispo em relação à monocultura, à desertificação do conhecimento e a uma espécie de grilagem existencial é confrontada com o cultivo da poética plantada, semeada, colhida e comida como roça.

Assim, o movimento de confluência resiste criativamente à cosmofofia, inventando potências de alianças que fortaleçam as pessoas e os próprios movimentos, promovendo a *biointeração*, em que a vida passa a ser o centro orientador do que se pensa, do que se faz, do que se faz pensando, do que se pensa fazendo, possibilitando encontros vitais nos quais a diferença não é exatamente problema, mas parte dessa fluência, que quando trazida, de modo encantado, promove expansão e vitalização e não uma mortificação cosmofofíca que finde por *des-envolver* os humanos da natureza.

Bispo enfatizou que suas ideias, seus conceitos, palavras germinantes, foram forjados na e pela oralidade. Dentro do ciclo que ele descrevia nas relações entre uma geração avó, uma geração filha e uma geração neta, ele via o solo vital de produção e transmissão dos saberes. Mas para além da percepção da criação e reprodução coletiva dos conhecimentos, nosso feiticeiro das palavras insistia na oralidade como um repositório vivo da memória ancestral que não cessa de produzir sentidos e ideias.

A *ancestralidade* é viva, nesse ciclo que nos foi apresentado. E sua vida funciona em ligação com os processos de vinculação entre os viventes que falam e os que escutam. A oralidade é ligação, é compromisso com o que se escuta e o que se diz. Mais do que uma oposição à escrita, a oralidade se posiciona como esse processo que, registrado ou não na escrita, nos insere na continuidade do que é possível pensar e fazer em conjunto, pela comunidade, coletivamente. A oralidade supõe um mundo de diferenças e multiplicidades, uma pluralidade de vozes. Mas também supõe alguns mistérios e silêncios, que como sabenças e/ou armas de defesa, deram sentido a muitos movimentos nas lutas, que não podem ser queimadas pela sanha colonial.

Bispo assume a encruzilhada como lugar de chegada, bebe e brinca com aquele que é fundamento da palavra, corpo e movimento. Ao reivindicar que oralidade não é só o que se fala, mas também o que se

risca, negocia, confia no mistério e vibra no corpo, Bispo faz da lavra e da perna no mundo a sua literatura. Planta as noções de *compartilhamento* e *propósito* como chaves do debate político que tem a roça como poética. Nessa toada, Bispo firma a palavra, lavra afetos com a geração neta e vadeia nas fronteiras do saber para nos embalar na sugestão de oralizar a escrita. Não adepto aos binarismos, mas afeito à máxima de que a encruzilhada tem quatro cantos, o mestre não nega diálogo, mas chama para o jogo de corpo, em que se entra saindo e se sai entrando. Se diz não dizendo e não diz dizendo. Artimanha daqueles que, como ele bem gostava de ressaltar, sabem o que fazem, pois dão de comer a sua trajetória.

Festeiro, gaiato, amante das bonitezas, lavrador de esperanças, tradutor da sabedoria ancestral que toma gente, bicho, rio, planta e chão como comunidade, Antônio Bispo dos Santos fez da poesia sua rede. Por onde andou a pendurou, se balançou, pescou sensibilidades, lida, luta, enredou escutas atentas e disparou palavras boas. Entoou Palmares, Canudos,

Caldeirão, Pau de colher, o cheiro de cio trazido pela chuva no sertão, o falar tagarelado, o cabelo bonito que entrança, as astúcias de apanhar o Sol, maneiras perspicazes de alargar o tempo, dobrar a linguagem para erguer propósitos de mundo. A poesia, talvez fosse a maneira bonita, furiosa, galante e feiticeira dele se apresentar, sendo fiel as sabenças de sua gente, avivando a máxima entoada por mãe Joana: *a cumbuca de dar é a mesma de receber*.

Em sua generosidade peculiar, Nêgo Bispo legou-nos uma imensidade de ideias e sentidos para o fazer. E agora, quando ele repousa como semente na terra que, por tantos anos ele lavrou, que sejamos capazes de fazer suas palavras reverberarem na medida em que possamos reconhecer as potências filosóficas dessa ancestralidade, que, entre nós, nos forma e fortalece. A terra é soberana em sua vontade, assim ele nos ensinou. Sendo ela a matriz e motricidade de seu sentir e pensar está agora a nos chamar para o cuidado do roçado.